



O Escravo, de Isaac Bashevis Singer: uma parábola atemporal

The Slave, by Isaac Bashevis singer: a timeless parable

Juliana de Albuquerque*

University College Cork (UCC) | Cork, Irlanda

juliana.albuquerque@gmail.com

Maria Lúcia Guilherme**

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

marchi.malucia@gmail.com

Saul Kirschbaum***

Pesquisador independente | São Paulo, Brasil

saul.kirschbaum@gmail.com

Resumo: Isaac Bashevis Singer, escritor judeu nascido na Polônia em 1904 viveu grande parte de sua vida nos EUA onde publicou todas suas obras originalmente em ídiche, a língua franca dos judeus da Europa oriental, e onde faleceu em 1991. Não obstante ter se dedicado a temáticas judaicas, a importância de sua obra transcende o público leitor judaico. Seu valor universal foi reconhecido pela Academia Sueca, que lhe outorgou o prêmio Nobel de Literatura de 1978. Pode-se dizer que Singer, através do particular, atingiu o universal. No romance *O Escravo* Singer utiliza como pano de fundo o evento histórico conhecido como “rebelião de Chmelnitsky” (1648 a 1654), quando o povo judeu foi vítima de um dos piores massacres de toda sua história até então, comparável à destruição do Templo de Jerusalém no ano 586 AEC e à expulsão da Espanha em 1492, sendo somente superado no século XX pela tragédia da *Shoah*. Neste artigo temos como objetivo, através da análise da narrativa literária das ações e reações dos personagens envolvidos no pós-trauma, mostrar a normalização destas relações como paradigma para uma possível forma de lidar com a catástrofe, fenômeno tão recorrente na história.

Palavras-chave: Rebelião de Chmelnitsky. Normalização. Isaac Bashevis Singer.

Abstract: Isaac Bashevis Singer, a Jewish writer born in Poland in 1904, lived a large part of his life in the USA, where he published all his works originally in Yiddish, the

* Escritora, doutora em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv.

** Mestre em Letras pelo Programa de Letras Estrangeiras e Tradução pela FFLCH/USP.

*** Doutor em Letras pelo Programa Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da USP; pós-doutorado pela Unicamp.



lingua franca of Eastern European Jews, and where he died in 1991. Despite having dedicated himself to Jewish themes, the importance of his works transcends the Jewish reading public. The universal value of his work was recognized by the Swedish Academy, which awarded him the Nobel Prize for Literature in 1978. It can be said that Singer, through the particular, achieved the universal. In *The Slave* Singer uses as a backdrop the historical event known as the “Chmelnitsky rebellion” (1648 to 1654), when the Jewish people were victims of one of the worst massacres in their entire history up to that time. This massacre was comparable to the destruction of the Temple of Jerusalem in the year 586 BCE and the expulsion from Spain in 1492. Chmelnitsky’s massacre was only surpassed in the 20th century by the tragedy of the *Shoah*. In this article, we aim, through the analysis of the literary narrative of the actions and reactions of the characters following the massacre, to show how the normalization of their relationships with their neighbors may be viewed as a paradigm for dealing with this kind of social catastrophe, something tragically recurrent in the history of humanity.

Keywords: Chmelnitsky rebellion. Normalization. Isaac Bashevis Singer.

A característica que define a boa literatura, ou arte, é a capacidade de fazer se abrir um terceiro olho em nossa testa. Que nos faça ver coisas antigas e batidas de um modo totalmente novo. [...] A literatura ruim não vai fazer se abrir um terceiro olho. Vai simplesmente repetir o que já sabemos, e nos mostrar apenas o que já vimos.

Amós Oz, *Como curar um fanático*.

Se o livro que estamos lendo não nos lembra com uma pancada na cabeça, por que o estamos lendo? [...] Um livro tem que ser como um machado para quebrar o mar de gelo que há dentro de nós.

Franz Kafka, carta a Oskar Pollak, 27/1/1904.

Introdução

Isaac Bashevis Singer foi um grande escritor judeu-americano nascido em 1904¹, em Leoncin, Polônia, e falecido em 1991, em Surfside, Flórida, EUA. Autor de contos, romances, crônicas, ensaios, escritos autobiográficos e literatura infantil, Singer foi

¹ Ou 1902, existem controvérsias a respeito de sua data de nascimento.



durante muito tempo colaborador do *Forverts*, tradicional periódico norte-americano em língua iídiche, e produziu uma vasta obra neste idioma, tendo boa parte dos seus escritos publicados em inglês, com tradução, co-tradução ou supervisão do próprio autor. Surpreendentemente, embora os seus textos tenham sido originalmente escritos em um idioma minoritário e tratem ostensivamente de temas relacionados à história e às experiências que informam o folclore judaico, Singer está entre os autores mais lidos do século vinte, havendo conquistado leitores e entusiastas de diferentes culturas.

Alguns dos seus trabalhos serviram de referência para a produção de filmes, como *O pesadelo do Sr. Singer e a barba da Sra. Pupkos* em 1974, dirigido por Bruce Davidson; *O mágico de Lublin* em 1979, *Yentl*, dirigido por Barbra Streisand em 1983; *Inimigos, uma história de amor*, dirigido por Paul Mazursky em 1989 e *Love comes lately*, dirigido por Jan Schütte em 2007.

A importância de sua obra o fez merecedor de vários prêmios, entre os quais o American Academy Grant em 1959, o Foreign Book Prize (França) em 1965, o National Endowment for the Arts Grant em 1966, o Bancarella Prize (Itália) em 1967, o U.S. National Book Award em literatura infantil em 1970, o Itzik Manger Prize em 1973, o U.S. National Book Award em ficção em 1974, a Medalha de Ouro S. Y. Agnon (Israel) em 1975, culminando com a outorga do Nobel de literatura em 1978.

No romance *O Escravo*, que lhe rendeu o prêmio do Jewish Book Council em 1963, Singer apoia sua narrativa no momento posterior ao término da Rebelião de Chmelnitsky, ocorrida entre os anos de 1648 e 1654, que envolveu os judeus e que teve consequências profundas em especial na região da Ucrânia, Polônia e Império Otomano.

Este evento histórico e algumas de suas consequências estão desenvolvidos na primeira seção deste artigo. Na seção seguinte, são observadas reações a esta tragédia no cotidiano das pessoas, através da narrativa literária, envolvendo ações e pensamentos dos personagens do livro. Na terceira seção, são expostos os caminhos seguidos por alguns grupos em momentos de pós-guerras, rebeliões ou grandes enfrentamentos, o que nos leva a refletir, pautados nas reações dos personagens, sobre as possíveis saídas para momentos pós-calamidade que têm sido adotadas ao longo da história. Como conclusão, o foco do presente artigo é o chamado *day after*, ou seja, já que nenhum conflito pode se estender indefinidamente, nosso objetivo é mostrar que terminado o conflito, as partes necessitam de alguma forma voltar a conviver aproximando-se, muitas vezes, de seus opositores.

Para embasar nossa abordagem do tema, recorreremos ao pensamento de Emmanuel Lévinas, de Gershom Scholem e de Walter Benjamin.



1 A rebelião de Bogdan Chmelnitsky

Da busca nos registros históricos a respeito da Rebelião de Chmelnitsky, que serve de pano de fundo para o romance *O escravo*, de Singer, aflora o clima de opressão ao qual os judeus foram submetidos naquele trágico episódio. Para melhor entendimento do evento, transcrevemos o registro do historiador Cecil Roth:

Em 1648, porém, os cossacos da Ucrânia, liderados pelo hetmane Khmelnsky, ergueram-se contra os desmandos dos senhores poloneses, cuja opressão política, religiosa e econômica ressentiam profundamente. Em tudo isto, aos olhos dos cossacos, os judeus estavam implicados. A religião dos judeus era ainda mais detestável para a Igreja Grega que o Catolicismo Romano, que os poloneses respeitavam e procuravam impor. Os judeus, além disso, agiam como administradores das propriedades dos nobres poloneses ou como arrendatários das florestas, estalagens e moinhos. Por causa disso, o ódio dos cossacos contra os judeus ardia ainda mais violentamente que sua aversão contra os senhores poloneses. Em todo o país ocorreram massacres de uma escala e de uma ferocidade que faziam empalidecer, por comparação, qualquer uma das privações sofridas pelos judeus desde a época da Morte Negra; e os horrores viam-se acentuados pelos refinamentos de inventiva que se revelavam nas torturas que os acompanhavam. Em cada cidade ou vila capturada ocorria um extermínio em massa – muitas vezes os poloneses traíndo seus vizinhos judeus na esperança de, com isto, salvarem a própria pele.²

Bogdan Chmelnitsky (1595-1657) foi o líder dos cossacos que organizou uma rebelião contra o domínio polonês sobre a Ucrânia e que teve como resultado a transferência do controle polonês das terras ucranianas a leste do rio Dnieper, para o controle russo. Durante o levante, os cossacos provocaram o massacre de milhares de poloneses e judeus. O número de vítimas judias entre 1648 e 1658 é calculado por algumas fontes em não menos de cem mil. No período que antecede a *Shoah*, o massacre de Chmelnitsky costumava ser interpretado no imaginário judaico como havendo sido o maior massacre de judeus até então perpetrado em território europeu.

Isto posto, não é de se estranhar que a magnitude dessa tragédia também tenha impactado a obra de Singer, que veio a tratar do massacre de Chmelnitsky em dois dos

² ROTH, 1964, p. 99



seus principais romances: *Satã em Gorai*, escrito em 1933 e *O escravo*, cuja tradução para o inglês foi publicada em 1962.

Em *Satã em Gorai*, Singer aborda alguns dos desafios enfrentados pela população judia da cidade de Gorai em sua tentativa de reconstruir a vida comunitária após o massacre de Chmelnitsky. Localizada na região de Lublin, ao leste da Polônia, a cidadezinha de Gorai foi saqueada por tropas cossacas em 1648, no mesmo ano em que Sabbatai Tsvi teria se proclamado messias, virando o mundo judaico de ponta-cabeça. Nesta obra, Singer se ocupa das rixas internas que dividem a população judia de Gorai entre simpatizantes e opositores do dito messias.

Já em *O escravo*, Singer rompe a barreira do *Shtetle* direciona sua narrativa para as relações entre judeus e não-judeus durante o mesmo período, abordagem que nos estimulou a escrever este artigo. Entre as questões retratadas no romance temos a vivência e a preservação da identidade judaica pelo indivíduo em um cenário pós-catástrofe, os desafios representados pelo retorno da vida em comunidade, bem como a necessidade de se tentar forjar novos laços com a cultura hegemônica, mesmo que agressora.

Os temas que informam os enredos de *Satã em Gorai* e *O escravo*, nos levam a crer que esses romances podem ser lidos como parábolas, ou seja, enquanto narrativas que trazem elementos claramente relacionados ao passado judaico em uma tentativa de provocar uma reflexão tanto sobre o momento histórico em que essas duas obras foram publicadas, como sobre o momento presente.

No caso de *Satã em Gorai*, publicado em iídiche ainda na Polônia, em um período que antecede a Segunda Guerra Mundial; a referência feita no romance ao delírio messiânico inspirado por Sabbatai Tsvi não deixa de ser também uma crítica às ditas soluções utópicas – marxismo, budismo, sionismo, comunismo e messianismo – que os membros das comunidades judaicas da época encontravam para lidar com o avanço do fascismo e do discurso antissemita na Europa Central e no Leste Europeu.

No romance *O escravo*, a ênfase recai sobre várias questões relacionadas ao *dayafter* do massacre de Chmelnitsky. Este foco também pode ser interpretado como um reflexo dos desafios políticos, comunitários e espirituais que marcaram a vida judaica durante o período em que o livro foi escrito e que se segue à *Shoah*.

Singer obviamente também escreveu obras de ficção que se passam no século vinte e lidam com todas essas questões a partir da perspectiva do seu próprio tempo. Exemplo disto são os romances *Inimigos*, *Uma história de Amor* ([1966] 1972), *Shosha* ([1974] 1978), *O penitente* ([1973] 1983) e *Sombras sobre o Hudson* ([1957] 1997). No entanto, muitos dos seus textos, como os romances aqui discutidos e o conto “A Destruição de Kreshev” ([1943] 1961), apelam para o passado em uma tentativa de criar um distanciamento a



partir do qual o leitor possa compreender melhor o presente e as suas próprias circunstâncias.

2 Uma história de amor em tempos de crise

Parábola, segundo Massaud Moisés é ³uma “narrativa curta, não raro identificada com o apólogo e a fábula, em razão da moral, explícita ou implícita, que encerra, e da sua estrutura dramática. [...] Vizinha da alegoria, a parábola comunica uma lição ética por vias indiretas ou simbólicas. Essa é a vertente de leitura do romance *O escravo* que adotamos na presente reflexão, tendo em vista a necessidade inexorável de lidarmos com os acontecimentos que estamos vivenciando desde o início do conflito militar em resposta ao ataque terrorista sofrido por Israel em 07 de outubro de 2023.

O caráter de parábola de *O escravo*, a fazer com que o leitor reflita sobre a sua época a partir do passado, corrobora para a nossa opinião de que, embora tenha sido escrito com absoluto respeito à história, este não precisa ser necessariamente encarado como sendo propriamente um romance histórico.

Através de um personagem judeu, Jacó, e de uma cristã, Wanda que depois é conhecida como Sara, Singer construiu a narrativa de uma relação amorosa rejeitada e condenada por ambas as comunidades, nos oferecendo um amplo panorama do modo de vida do povo judeu na época e do cotidiano “pós-catástrofe”, centrado nas diversas maneiras de lidar com seus desdobramentos.

O momento histórico é retratado por Singer em passagens marcantes, como:

Era escravo de Jan Bzik. É claro que, de acordo com a lei polaca, nem mesmo a alta burguesia tinha o direito de forçar um judeu à servidão. Mas quem, na remota aldeia, obedecia a lei da pátria? E que valor podia ter o código dos pagãos mesmo anteriormente à chacina de Chmielnicki? Jacó de Josefov aceitara sem rancor as provocações que a providência lhe enviara. Noutras regiões os cossacos tinham degolado, estrangulado e empalado muitos judeus respeitáveis. Mulheres castas haviam sido violadas e estripadas.⁴

Esta passagem lança luz sobre a vulnerabilidade a que estavam sujeitos os judeus: privados de direitos civis e passíveis de serem reduzidos à escravidão. Essa situação era tão frequente que muitas vezes as comunidades judaicas se organizavam para coletar fundos com os quais resgatavam seus irmãos cativos:

Tudo bem, então, pegue-o e vá embora. Onde está seu dinheiro?

³ MOISÉS, p. 385.

⁴ SINGER, 2004, p. 9-10.



Um dos judeus, um homem pequeno, de aparência mimada, com uma larga barba em forma de leque e olhos escuros bem separados, puxou silenciosamente uma bolsa do casaco e começou a contar moedas de ouro. Zagayek testou cada uma das moedas colocando-as entre o polegar e o indicador e tentando dobrá-las. Só agora Jacob percebeu o que havia acontecido. Esses judeus vieram buscá-lo, ele estava sendo resgatado.⁵

Esse aspecto foi exposto por Haim Hillel Ben-Sasson em *A History of the Jewish People* (1997), onde ele comenta que:

A crueldade dos desordeiros cossacos estabeleceu padrões aterrorizantes e, como resultado, muitos judeus preferiram fugir para o cativeiro sob os tártaros da Crimeia. Este também foi um destino cruel, mas a libertação final pela redenção judaica de cativos nos mercados de escravos da Turquia era uma possibilidade prevista. Em muitos casos, os judeus da Ucrânia, habituados à autodefesa, tomaram parte muito ativa na defesa das suas cidades; na fortaleza de Tulchin, cerca de 2.000 judeus defenderam-se bravamente, até serem traídos por seus aliados polacos.⁶

O autor insere as ações de ambos os povos, judeus e cristãos, dentro de uma visão de mundo medieval, teocêntrica, que submete e regula os mínimos detalhes da vida dos humanos, inclusive seus desejos, à vontade divina como pode ser visto, por exemplo, nos trechos abaixo:

“Cada alvorada na montanha era semelhante a um milagre; podia discernir claramente o dedo de Deus entre as nuvens chamejantes. Deus castigara Seu povo e escondera a face, mas continuava a reger o mundo”.⁷

⁵ SINGER, 2004, p. 108.

⁶ “The cruelty of the Cossack rioters established terrifying patterns, and as a result many Jews preferred to flee to captivity under the Crimean Tartars. This was also a harsh fate, but final deliverance by Jewish redemption of captives at the slave markets of Turkey was a foreseen possibility. In many cases the Jews of the Ukraine, who were accustomed to self-defense, took a very active part in the defense of their cities; in the fortress of Tulchin about 2,000 Jews bravely defended themselves, until they were betrayed by their Polish allies”. Ben-Sasson, 1997, p. 656-657 (tradução nossa).

⁷ BEN-SASSON, 1997, p.12.



“O verdadeiro lugar está para além. Não se prive dele por causa de um instante de prazer”.⁸

“Um homem que consegue dominar as suas paixões é o mais forte de todos”.⁹ (

“Se esse desejo carnal provinha de Satã, então ele estava nas mãos do diabo”¹⁰.

“Jacó ergueu a vista. ‘Conduz-me, Senhor, conduz-me: é o teu mundo!’”.¹¹

“A ira de Deus caíra sobre o povo”.¹²

Não obstante as muitas referências a obediência e submissão do povo judeu à vontade divina, mas dentro da mais genuína tradição judaica, que relativiza esse relacionamento, Deus pode ser contestado:

Um dia, sentado sozinho na casa de estudos, Jacob disse a Deus: Não tenho dúvidas de que você é o Todo-Poderoso e que tudo o que você faz é para o melhor, mas é impossível para mim obedecer ao mandamento: “Amarás o Teu Deus”. Não, não posso, Pai, não nesta vida.¹³

Note-se que essa visão teocêntrica, de um universo marcado pela onipresença de Deus, fornece uma explicação teológica para as derrotas, expulsões, massacres que se sucediam: punição divina aplicada a um povo pecaminoso.

Somente um século depois, com a vitória da Revolução Francesa, o Ocidente entrou na modernidade, substituindo a visão teocêntrica por uma antropocêntrica, ou seja, centrada no ser humano.

3 Mecanismos de superação

No romance, Singer procura mostrar como as atrocidades cometidas pelos cossacos, além dos milhares de assassinados, perturbaram profundamente o cotidiano das comunidades judaicas do período:

Esta não foi a primeira história estranha que os reunidos ouviram. Desde os massacres, ouviam-se todos os tipos de coisas

⁸ BEN-SASSON, 1997, p.26.

⁹ BEN-SASSON, 1997, p.47.

¹⁰ BEN-SASSON, 1997, p.70.

¹¹ BEN-SASSON, 1997, p.304.

¹² BEN-SASSON, 1997, p.162.

¹³ BEN-SASSON, 1997, p.119.



peculiares sobre judeus que se tornaram cristãos ou muçulmanos, filhas de Israel casadas com cossacos, vendidas em haréns, mulheres que se casaram novamente apenas para verem os seus maridos regressarem.¹⁴

Através da sua narrativa, Singer explora as diferentes maneiras que os judeus da época encontraram para lidar com a catástrofe. Em *Satã em Gorai*, Singer aborda o delírio messiânico como uma reação da comunidade à destruição provocada pelo massacre de Chmelnitsky. Já em *O Escravo* ele desenvolve questões relacionadas ao obscurantismo e ao abandono da vida judaica, refletindo sobre as diferentes respostas ao trauma histórico.

Diante da dimensão deste trauma, algumas comunidades optaram pela conversão ao cristianismo. É difícil ser judeu? Então deixemos de ser judeus:

Comunidades inteiras de judeus tornaram-se cristãs e embora alguns mais tarde reassumissem a sua própria fé, outros permaneceram nas trevas. A Polônia fervilhava de esposas abandonadas, mulheres violadas, noivas fugidas dos seus maridos gentios, homens que tinham sido resgatados ou que tinham escapado da prisão. A ira de Deus derramou-se sobre o seu povo. Mas desde o momento em que os judeus recuperaram o fôlego, retornaram ao judaísmo. O que mais podiam eles fazer? Aceitar a religião do assassino?¹⁵

Outras tornaram-se mais obscurantistas, seja adotando superstições:

Os judeus de Pilitz preparavam-se para suas festas. Todos os dias o bedel soprava a buzina para afugentar o Diabo, o Sedutor, aquele que induzia os homens ao pecado e depois, perante o Céu, depunha contra eles.¹⁶

Seja acreditando na ocorrência de milagres:

Pilitzky compreendeu que os judeus falavam a verdade. Aquelas bocas abertas, aqueles olhos espantados diziam-lhe que houvera um milagre. Adam Pilitzky esperava por um milagre desde o início das guerras e invasões. Era necessário um para salvar a Polónia. A resistência do prior Chodecki em Czestochow e a campanha de Stephan Czanecki contra os suecos, que reuniram

¹⁴ SINGER, 2004, p.266-267.

¹⁵ SINGER, 2004, p.162.

¹⁶ SINGER, 2004, p.233.



os exércitos polacos e reavivaram a causa do catolicismo, pareciam ser esse milagre. Agora, de todos os lados, chegavam relatos de novas maravilhas.¹⁷

Ou ainda, confiando em curandeiros e amuletos: “Agora as mulheres que tinham qualquer aflição procuravam Sara (já no oitavo mês de seu estado interessante) e pediam-lhe que lhes impusesse as mãos e as abençoassem”¹⁸. “Jacó colocara o Livro da Criação e a faca debaixo do travesseiro para desanimar as potências femininas do Mal que rondam as mulheres em trabalho de parto ...”¹⁹

O obscurantismo, no entanto, não é uma prerrogativa única dos judeus. Segundo Singer, também os cristãos viviam em um mundo governado pela superstição e pelo milagre, como na seguinte passagem: “Uma imagem da Virgem chorara lágrimas verdadeiras, que o povo recolhera num cálice de prata. Nos íngremes degraus de pedra da igreja luziam cruzeiros durante a noite escura.”²⁰

Como em *Satã em Gorai*, uma outra forma de lidar com as consequências da catástrofe, perceptível no romance, é a messiânica, frequente em períodos de desespero e de sensação de falta de sentido para a vida.

Historicamente tem-se neste mesmo período a entrada em cena da figura de Sabbatai Tzvi (1626-1676), nascido em Esmirna, Turquia. Justamente em 1648, mesmo ano do início da revolta de Chmielnitski, ele proclamou-se messias do povo judeu, anunciador de uma nova *Torah* - fundando o movimento dos sabatianos - propondo-se, em 1666, a obter do sultão otomano a permissão para os judeus voltarem para a Terra Santa e reconstruírem Israel. Naturalmente, o sultão não atendeu o pedido e colocou Sabbatai ante as alternativas de decapitação ou conversão ao Islã. Também naturalmente, Sabbatai optou pela segunda alternativa. Diga-se de passagem, que muitos de seus adeptos não consideraram esse ato como uma derrota, uma frustração; não contestaram a messianidade de Sabbatai. Pelo contrário, legitimados por uma Cabala em voga²¹, afirmaram que o Messias tinha descido ao fundo do poço para resgatar as últimas centelhas da luz divina no exílio, prerequisite para a tão esperada redenção. Esta postura originou o aparecimento dos *dönme*, criptojudeus da Turquia, publicamente muçulmanos, mas que secretamente praticavam os ritos judaicos

¹⁷ SINGER, 2004, p.190.

¹⁸ SINGER, 2004, p.197.

¹⁹ SINGER, 2004, p.197.

²⁰ SINGER, 2004, p.190.

²¹ A respeito da Cabala luriânica, ver, por exemplo, de Gershom Scholem, *Sabatai Tzvi, o messias místico*, vol. I.



sabatianos. Para Gershom Scholem, a irrupção do sabatianismo é justamente, pelo menos em parte, uma decorrência da repercussão dos massacres:

O choro elevou-se de toda a Casa de Israel diante dos horrores da insurreição cossaca que irrompera na Polônia e Rússia, tornando-se conhecida na história judaica como os massacres de Chmelnitsky. O sangue judaico foi derramado como água e refugiados começaram a chegar até o sul, na Turquia, onde o caudal de histórias horripilantes ecoou amplamente. Sabbatai Tzvi, dilacerado entre estados extremos de exaltação e melancolia, deve ter-se impressionado, quer com as esperanças messiânicas, quer com as notícias abaladoras, muito embora não se possa dizer qual das duas o afetava mais.²²

Em *O Escravo*, Singer reporta esse episódio nos seguintes termos: “Ali, no seu exílio, Jacó compreendia afinal o significado de ‘a face oculta de Deus e a diminuição de Sua luz’, de que falava a cabala.”²³

Já no desfecho da narrativa, Singer comenta sobre o tempo de Sabbatai Tzvi:

No tempo de Sabbatai Tzvi, o falso Messias que mais tarde enfiou o feiz e se tornou mulçumano, Pilitz estava dilacerada por discórdias. A congregação excomungou os partidários, e estes vingaram-se publicamente amaldiçoando o rabi e os anciãos.²⁴

Algo que também vemos ocorrer em *Satã em Gorai*, quando os apoiadores de Sabbatai Tzvi conseguem expulsar da cidade o velho rabino, contrário ao excepcionalismo alimentado pela narrativa messiânica.

Por fim, o narrador de *O escravo* retrata o que realmente veio a ocorrer depois dos pogroms: a normalização das relações entre judeus e gentios. Essa normalização se dá tanto através de ações como as de banqueiros judeus que reconstituíram uma cadeia de casas bancárias interligadas ao longo da Europa:

Havia bancos judeus em Danzig, Leipzig, Cracóvia, Varsóvia, Praga, Pádua, Veneza. O banqueiro judeu não desperdiçava dinheiro em artigos suntuosos, guardava o seu capital em sacos que escondia nas vestes e ia para a sinagoga rezar. Mas quando

²² SCHOLEM, 1995, p. 135.

²³ SINGER, 2004, p.68.

²⁴ SINGER, 2004, p.308.



dava a alguém uma carta de crédito, esta podia ser apresentada quer em Paris, quer em Amsterdã e era sempre satisfeita.²⁵

Como, também, através das ações de camponeses judeus que voltaram a arrendar florestas, estalagens e moinhos que pertenciam a nobres poloneses cristãos:

Como descendesse pelo lado materno de judeus que lidaram muito com a nobreza, e lhe tomaram terras de arrendamento, o homem aprendera polaco desde a infância e agora, no cativeiro, habituara-se a falar a língua dos pagãos. Não raramente se esquecia do nome iídiche de algum objeto.²⁶

Além de trabalhadores cristãos que voltaram a prestar serviços para os judeus:

Os mesmos camponeses que tinham ajudado os carneiros de Chmielnicki a saquearem as casas dos judeus. Um hebreu fundara uma taberna onde os homens do campo iam embriagar-se com cerveja e vodka. A alta burguesia, esquecida da chacina, tornou a arrendar as suas terras, matas e moinhos aos empreiteiros e fornecedores israelitas. Tinha-se de lidar com assassinos e apertar-lhes as mãos para fechar um contrato. Constava que os desta nação também haviam lucrado com a catástrofe, mercadejando objetos roubados e descobrindo esconderijos escondidos feitos pelos que se refugiaram.²⁷

Enfim, sucedeu-se um processo de normalização, de inevitável reaproximação entre cristãos e judeus, rejeitando as tentativas sacralizadoras e retomando a vida na forma possível, como nesta passagem durante a colheita:

- Reze, judeu, reze. Nem sempre o seu Deus poderá transformar isso numa boa colheita.
- Pensam que ele nos amaldiçoa?
- Que linguagem é essa que você falava?
- A linguagem sagrada.
- Qual linguagem sagrada?
- A da Bíblia.
- A Bíblia? Que é isso?
- A lei de Deus.
- Que diz a lei de Deus?

²⁵ SINGER, 2004, p.308.

²⁶ SINGER, 2004, p.19.

²⁷ SINGER, 2004, p.120.



- Que ninguém mate, nem roube, nem cobice a mulher do próximo.
 - Dziobak diz coisas dessas na capela.
 - Tudo procede da Bíblia.
- Os camponeses ficaram silenciosos. Um deles ofereceu a Jacó um nabo.
- Coma, estrangeiro. Jejuando não se fortalece.²⁸

Considerações finais

Uma história escrita há mais de sessenta anos, narrando eventos ocorridos há quase quatro séculos, se mostra de surpreendente atualidade, tendo em vista o atual conflito no Oriente Médio, deflagrado pelo atentado perpetrado pelo Hamas em 7 de outubro de 2023. Não coincidentemente, este atentado tem sido muitas vezes comparado aos *pogroms* sofridos pelas comunidades diaspóricas ao longo dos séculos, ao exemplo da Rebelião de Chmelnitzky, cujas consequências foram abordadas por Bashevis Singer em romances como *Satã em Gorai* e *O Escravo*.

Ao refletirmos sobre esses acontecimentos do passado para tentarmos melhor compreender o presente, alinhamo-nos com o pensamento de Walter Benjamin, expresso na sexta de suas *Teses sobre filosofia da história*, que transcrevemos da coletânea organizada por Flávio Kohte:

Articular historicamente algo passado não significa reconhecê-lo “como ele efetivamente foi”. Significa captar uma lembrança como ela fulgura num instante de perigo. Para o materialista histórico, trata-se de fixar uma imagem do passado como ela inesperadamente se articula para o sujeito histórico num instante de perigo. O perigo ameaça tanto os componentes da tradição quanto os seus receptores. Para ambos ele é um só: sujeitar-se a ser um instrumento da classe dominante. A cada época é preciso sempre de novo tentar o que foi transmitido do conformismo que ameaça subjugar-lo. Pois o Messias não vem apenas como o Salvador; ele vem como o vencedor do Anticristo. Captar no pretérito a centelha de esperança só é dado ao historiador que estiver convicto do seguinte: se o inimigo vencer, nem mesmo os mortos estarão a salvo dele. E esse inimigo ainda não parou de vencer.²⁹

²⁸ SINGER, 2004, p.49-50.

²⁹ KOHTE, 1991, p. 156



A constatação da recorrência de atentados terroristas, de guerras de agressão, de deslocamentos maciços de refugiados buscando abrigo por causa de conflitos étnicos em seus países de origem ocorridos posteriormente à Revolta de Chmelnitsky permite o temor de que, sem dúvida, acontecerão novas futuras catástrofes, que ainda não alcançamos a tão ansiada paz universal. Devemos, portanto, fazer o possível para que a catástrofe não se materialize; ou, se não for possível evitá-la, tentar postergá-la e amenizar seus efeitos.

Se os estudos históricos têm aberto a possibilidade de conhecermos tais catástrofes, talvez seja a soma deste a outros estudos, como no caso o literário, o caminho que pode nos apontar meios para suavizar seus efeitos subsequentes, buscando uma convivência de paz. Esta foi a metodologia adotada para a elaboração deste texto.

Pensando o poder da literatura, Emmanuel Lévinas³⁰, contemporâneo de Isaac Bashevis Singer, observa que:

Por isso, é possível falar de noites em pleno dia. Os objetos iluminados podem aparecer-nos como através de seus crepúsculos. Tal como a cidade irreal, inventada, que encontramos depois de uma viagem cansativa, as coisas e os seres atingem-nos como se não fossem mais um mundo, nadando no caos de sua existência. Assim, também, como a realidade “fantástica”, “alucinante” em poetas como Rimbaud, mesmo quando eles designam as coisas mais familiares, os seres mais habituais. A arte desconhecida de determinados romancistas realistas e naturalistas, apesar de suas profissões de fé e de seus prefácios, produz o mesmo efeito: esses seres e essas coisas que se abismam em sua “materialidade”, terrivelmente presentes por sua espessura, por seu peso, por seu formato. Certas passagens de Huysmans, de Zola, o calmo e sorridente horror de determinado conto de Maupassant, não dão somente – como se pensa por vezes – um retrato “fiel” ou excessivo da realidade, mas penetram (atrás da forma que a luz revela) nessa materialidade que, longe de corresponder ao materialismo filosófico dos autores, constitui o fundo obscuro da existência.

³⁰ Um dos mais importantes pensadores não só do judaísmo, Emmanuel Lévinas nasceu em 1905 na Lituânia e morreu em 1995. A partir de 1923, viveu na França. Profundo conhecedor da tradição talmúdica, centrou sua meditação no encontro com o rosto do outro, experiência fundamental fora da qual não poderia existir significação; dessa forma, para Lévinas, a ética tem prioridade sobre a ontologia.



Eles nos fazem aparecer as coisas através de uma noite, como uma monótona presença que nos sufoca na insônia.³¹

Ou seja, recorrendo à individualização dos relacionamentos e à observação da realidade através de uma penumbra, a literatura possibilita, melhor do que as ciências sociais como história e sociologia, que buscam lançar luz sobre o objeto de estudo, um acesso ao “fundo obscuro da existência”, favorecendo o aprofundamento da reflexão sobre a condição humana.

Ao retratar tão detalhadamente o cotidiano pós-catástrofe, Singer nos permite refletir sobre a necessidade atual e futura de quebrar a permanência do pensamento medieval que tende a compreender tais catástrofes magicamente, sendo explicadas pela crença de invasão do cotidiano por obscuras forças do mal. É preciso observar o desejo inconsciente de que as soluções esperadas ocorressem passivamente através de milagres.

É preciso também, rejeitar a saída messiânica pela qual espera-se que um grande herói ou uma grande nação amiga venha a todos socorrer. Gershon Scholem, filósofo e historiador judeu-alemão, encontra a origem da irrupção do messianismo no cotidiano judaico durante a grande tragédia da expulsão dos judeus da Espanha em 1492:

Os contemporâneos da Expulsão tinham especial consciência dos problemas concretos que ela criara, mas não de suas profundas implicações para o pensamento religioso e a expressão teológica. Para os exilados da Espanha, o caráter catastrófico do “Fim” tornou-se mais uma vez evidente. Mobilizar e libertar todas as forças capazes de apressar o “Fim”, tornou-se mais uma vez o principal objetivo dos místicos. A doutrina messiânica, que era a preocupação anterior dos interessados em apologetica, converteu-se por algum tempo no tema de uma propaganda agressiva. Os compêndios clássicos, nos quais Isaac Abarbanel codificou as doutrinas messiânicas do judaísmo alguns anos após a Expulsão, foram logo acompanhados por numerosas epístolas, panfletos, homilias e escritos apocalípticos, em que as repercussões da catástrofe alcançaram sua expressão mais vigorosa. Nesses escritos, cujos autores se empenharam muito em vincular a Expulsão às antigas profecias, o caráter redentor da catástrofe de 1492 era fortemente enfatizado. Supôs-se que as dores do parto da era messiânica, com a qual a História

³¹ LÉVINAS, 1998, p. 69-70.



deveria “terminar” ou [como os apocalípticos diriam] “desmoronar”, iniciaram-se com a Expulsão.³²

Feitas tais considerações, concluímos que uma alternativa mais realista e construtiva seria optarmos por enfrentar o fato de que mais dia menos dia a catástrofe passará. Ideal seria que nos preparássemos para a necessária e inevitável normalização mesmo que, como diz o narrador de *O escravo*, seja necessário “apertar a mão do inimigo”.

Esta alternativa, a nosso ver, iria ao encontro de um imperativo ético tal como insistia Emmanuel Lévinas citado acima. Note-se que, para o filósofo, este é um imperativo que supera até mesmo a dicotomia entre agressor e agredido, sequer isentando a vítima. Como observa Stéphane Mosès: “A Segunda Guerra Mundial, que Lévinas suportou num campo de prisioneiros de guerra franceses na Alemanha, e a sua descoberta dos horrores nazistas, podem ter reorientado o seu pensamento para a preeminência absoluta da ética”.³³

Ao tocar na temática da forma como foram enfrentados momentos de pós-conflitos entre populações, Singer, a partir de um episódio que muito diz respeito a eventos que vitimaram judeus, partiu do particular e atingiu o universal e, a partir desta elaboração, apontou a reaproximação e a normalização como formas de superação do conflito à espera de uma melhor saída para a paz.

Referências

- BEN-SASSON, Haim Hillel. *The Middle Ages*. In Ben-Sasson, H. H., *A history of the Jewish people*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1997.
- KOTHE, Flávio (org). *Walter Benjamin*. Tradução de Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1991.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Difficile Liberté*. Paris : Éditions Albin Michel, 1976.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Da existência ao existente*. Tradução de Paul Albert Simon; Ligia Maria de Castro Simon. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Editora Cultrix, s/d.
- MOSÉS, Stéphane. *Levinas's contribution to contemporary philosophy*. Emmanuel Levinas: ethics as primary meaning. Translated by Gabriel Motzkin. New school for social research v. 20, n. 2 – v. 21, n. 1. Graduated Faculty philosophy journal, 1998.
- ROTH, Cecil. *Pequena história do povo judeu*. Terceiro volume, 1492-1962. Tradução de Emanuele Corinaldi. São Paulo: Congregação Israelita Paulista, 1964.

³² SCHOLEM, 1972, p. 249-250.

³³ MOSÈS, 1998, p. 13 (tradução nossa).



SCHOLEM, Gershom. *As grandes correntes da mística judaica*. Tradução de Dora Ruhmen; Fany Kon; Jeanete Meiches; Renato Mezan. São Paulo: Perspectiva, 1972.

SCHOLEM, Gershom. *Sabatai Tzvi: o Messias místico I*. Tradução de Attilio Cancian; Ari Solon; J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SINGER, Isaac Bashevis. *O escravo*. Tradução de Juliana Borges. São Paulo: Germinal, 2004.

SINGER, Isaac Bashevis. *Satã em Gorai*. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

Enviado em: 03/09/2024

Aprovado em: 30/10/2024